



TEXTO EM REVISÃO

ATUALIZADO EM

06/2021

**Subsídios à leitura do romance
DER PROCESS de FRANZ KAFKA**

(Desenvolvimento da pesquisa realizada no PPGF/UFRJ)

Leitura fulcrada em ‘Uma Chave Jurídica de Acesso’

CAPÍTULO

Im leeren Sitzungssaal. Der Student. Die Kanzleien

Na semana seguinte ao não ser chamado para nova audiência, K. se preocupou, pois poderiam ter acreditado que havia renunciado ao interrogatório (*Verhör*¹ novamente traduzido por inquérito²). Como a ligação não chegou, K. se dirigiu ao local da audiência anterior mesmo sem ter sido convocado.

¹ KAFKA, Franz. *Der Process. (Historisch-Kritische Ausgabe sämtlicher Handschriften, Drucke und Typoskripte) Faksimilendruck*. Frankfurt am Main: Stroemfeld Verlag, 1997. *Im leeren Sitzungssaal*, p.9

² KAFKA, Franz. *O Processo*. São Paulo. Companhia das Letras, 2004, p.65

Essa construção da narrativa inicia o desenho que a vida de K. tomará; passou a girar em torno do processo, vez que a personagem principal “esperou, dia após dia, uma nova comunicação ... e quando a esperada comunicação de fato não chegou até o sábado à noite, ele supôs estar sendo tacitamente convocado”.

É o retrato do que acontece com os que tem seus processos em curso. Uma permanente espera. Novamente tratada a questão do tempo: sempre longo para o jurisdicionado, entendendo que o desenrolar dos processos é demorado demais, sendo a sua vida e seus interesses em jogo, todos muito importantes para si, porém, sempre curto para servidores, juízes, promotores e advogados, diante do grande volume de feitos a exigirem a atuação, com a permanente pressão dos órgãos de fiscalização. A própria lei austríaca estipulava infundáveis prazos curtos e relatórios de controle.

No primeiro capítulo, da publicação de Brod, a questão da demora dos processos nos últimos tempos plantou a discussão sobre o tempo, ao ponto de corroer o patrimônio do acusado, inclusive, para fins de leilão de seus bens.

No segundo capítulo, a pessoa notificou K. da audiência, em ato que não seguiu padrão ocidental, no qual sequer houve a identificação como oficial de justiça, até porque K. nem foi informado de dado essencial, qual seja o horário da audiência e o fato investigado. Kafka se utiliza desses momentos e cenas para descrever aspectos do desenrolar do processo, transmitindo inúmeras informações sobre a dinâmica da construção do processo, em uma versão que o intérprete de formação jurídica deve buscar identificar o quão próxima da legislação austríaca se apresenta, na busca de referências. Na análise do segundo capítulo, abordou-se a hipótese de que se trata de um tribunal de distrito, *Bezirksgericht*. Agora, se chama a atenção, para o fato de que

naquele discurso também é tratada a questão do tempo, acima recorrida, anunciando a frequência de audiências, pois interessava que a instrução fosse concluída rapidamente, mas que deveria ser minuciosa; aponta para um tipo de instrução: breve, mas com sucessivos atos transcorridos de forma rápida. Essa afirmação conflita com enunciado pelos guardas que realizaram a prisão, quanto à demora do procedimento, mas o fato é que foi o fundamento para fixar a data da audiência para um domingo, ao que se somou ter sido considerada a atividade profissional de K., ou seja, uma deferência a um alto funcionário de um banco. É afirmado, inclusive, que poder-se-ia alterar a data, em razão da conveniência de K.

K., nesse terceiro capítulo, afirmado que seriam sucessivas audiências, mesmo não tendo recebido notificação, soluciona o impasse se sentindo tacitamente convocado, mas essa não é a realidade e ele teve que enfrentar isso, pois quem tem o controle do processo é o juiz.

Retornou ao tribunal e foi recebido pela mesma mulher, que se identificou como esposa do oficial de justiça. Ao ver os livros em cima da mesa pediu para que pudesse pegá-los, o que foi negado.

Destaca-se a frase em que K. afirma ser típico daquela espécie de tribunal 'que se condene não só quem é inocente, mas também quem não sabe de nada'³. Aqui parece ser uma crítica aos tribunais de distrito, dentro da hipótese trabalhada, quanto aos resultados injustos de ações, pois um Poder Judiciário que condena inocentes por si só é contraditório. A desaprovação parece direcionada ao conteúdo das decisões e a quem as proferiu. No entanto, afirmar que eram condenadas pessoas que não sabiam de nada, se coloca como uma censura ao sistema e às leis, que dificultavam o acesso ao processo, o que permitia decisões distanciadas dos fatos e provas.

³KAFKA, Franz. **O Processo**. São Paulo. Companhia das Letras, 2004, p.66

Tem início uma conversa, na qual a lavadeira dá notícia de que, apesar de seu marido ser oficial de justiça, não tinham condições de arcar com uma moradia, habitando a antessala do plenário de audiências, por benevolência. Ocorre que ela se disse perseguida e que prestava favores sexuais a um estudante de direito, pois certamente ele, no futuro, teria mais poder. A mulher pergunta se ele acredita que poderia conseguir melhorar alguma coisa no tribunal.

Como qualquer pessoa que integra aquele corpo social, mas desinteressada das questões coletivas, K. diz que nunca teve intenção de interferir e melhorar o tribunal, só estava ali por causa de sua prisão, em causa própria, o que transposto para o coletivo indica que apesar de compor a sociedade, poucos são os que se ocupam das questões que atingem a todos. Kafka claramente objetiva chamar a atenção do leitor, como cidadão, para que se interesse por questões jurídicas e em especial sobre o processo, na medida em que qualquer um pode ser, a qualquer momento, submetido ao Poder Judiciário, ocasião em que não vai adiantar questionar as normas e procedimentos, restando apenas se submeter a elas.

Na linha oposta, caso haja mobilização social permanente, a sociedade poderá influenciar para que as mudanças ocorram e as normas processuais cumpram o seu papel, reduzindo desvirtuamentos.

Ao se empenhar em ajudar a mulher, foi-lhe franqueado ver os livros, um continha gravuras obscenas e outro um romance, o qual pelo título indicava algum tipo de violência doméstica, do poder do marido sobre a esposa. Imediatamente, ao constatar que não se tratava de códigos, mas de literatura ‘vulgar’ assevera: “é por homens assim que devo ser julgado”.⁴ Desqualifica o juiz e o próprio tribunal, o que vai determinar toda a sua postura

⁴ KAFKA, Franz. **O Processo**. São Paulo. Companhia das Letras, 2004, p.69

diante do processo, já alinhavada na primeira audiência.

Diante do oferecimento da mulher, K. novamente faz menção a palavra corrupção, que a mulher estaria corrompida (*verdorben*⁵) como todos. A crítica é assim a toda uma ambiência viciada.

Demonstra que toda sorte de interesses interfere no desfecho de um processo e expande agora para outros interesses que não somente o de uma corrupção visando auferir vantagens econômicas. O autor coloca em discussão que relações sexuais se desenvolvem, numa esfera de poder, também com vistas a mostrar que a natureza humana se faz presente, não tendo como desvincular essa natureza da atuação que é esperada do ser humano, justamente por ser humano, mesmo quando exercendo uma função jurisdicional ou daquelas ligadas à estrutura. K. transfere a imagem degradada do sistema para o processo e seu resultado, acreditando que nesse contexto não precisava dar qualquer atenção a esse, convicto que apenas riria de uma condenação.

Trabalha a hierarquia e os vários níveis de corrupção, tal qual os guardas fizeram no primeiro capítulo, afirmando que somente através das camadas superiores poder-se-ia obter um resultado definitivo do processo. Já os que integravam os lugares mais baixos da hierarquia, ficavam com os restos e as pequenas coisas, que tinham acesso, e como K., disse: “o máximo que se poderia alcançar através deles seria totalmente irrisório”⁶.

K. afirma que precisava **combater o grupo**.

⁵ KAFKA, Franz. *Der Process. (Historisch-Kritische Ausgabe sämtlicher Handschriften, Drucke und Typoskripte) Faksimilenachdruck*. Frankfurt am Main: Stroemfeld Verlag, 1997. *Im leeren Sitzungssaal*, p.18

⁶KAFKA, Franz. *O Processo*. São Paulo. Companhia das Letras, 2004, p.70

O autor aproveita a oportunidade para detalhar a imagem negativa que a personagem tem do processo:

vou apenas rir de uma condenação. Supondo que o processo chegue realmente a algum termo, do que eu duvido muito. Tendo muito mais a acreditar que, por preguiça, negligência ou talvez até mesmo por medo dos funcionários, o processo tenha sido sustado ou então que o será dentro em breve. Seja como for, também é possível que tenha um prosseguimento de fachada, na esperança de um suborno maior, o que é inteiramente inútil, como já disse hoje, pois não suborno ninguém. Seria no entanto uma gentileza que poderia me fazer se comunicasse ao juiz de instrução ou a qualquer outro que goste de espalhar notícias importantes, que jamais me deixarei levar ao suborno, por artimanha nenhuma, no que esses senhores com certeza são pródigos. Seria totalmente inútil, pode lhes dizer isso abertamente. Aliás, eles próprios talvez já o tenham notado, e mesmo que não seja assim, não estou tão interessado em que fiquem sabendo agora. Com isso teria poupado trabalho a esses senhores, e a mim, de qualquer modo, alguns inconvenientes, que eu assumo com prazer, se souber que cada um representa, ao mesmo tempo, um golpe para eles. E vou cuidar para que seja assim. A senhora conhece mesmo o juiz de instrução?⁷

Vê-se assim um longo trecho dedicado ao tema da corrupção, oportunidade em que K. alardeia a sua incorruptibilidade.

Com a afirmação de que K. ria da condenação, Kafka, mais uma vez, está delimitando a área de atuação do tribunal. K. entendeu que um pequeno tribunal, que tratava de pequenas questões de um pintor de paredes, mesmo que proferisse uma sentença condenatória, essa em nada lhe afetaria. De qualquer sorte, acreditou que tendo dito na audiência, na frente de todos, que sabia que aquele era um tribunal corrupto, que extorquia as pessoas, o processo seria sustado, como disse:

⁷KAFKA, Franz. **O Processo**. São Paulo. Companhia das Letras, 2004, p. 70

por **preguiça, negligência ou talvez até mesmo por medo dos funcionários, o processo tenha sido sustado** ou então que o será dentro em breve. Seja como for, também é possível que tenha um prosseguimento de fachada, **na esperança de um suborno maior**, o que é inteiramente inútil, como já disse hoje, pois não suborno ninguém

K. entende que somente numa hipótese de grande abuso, poderiam continuar com a empreitada visando a 'extorsão', já que ele havia declarado guerra à organização, com a clara intenção de denunciá-la. A sua posição é de que não cederia a suborno, o que pediu, fosse levado ao juiz de instrução. Ao longo do romance não se identificou atitudes de K. que importassem no efetivo combate ao tribunal, talvez pelo seu sentimento de vergonha.

Continua a narrativa, indagando se a mulher conhecia o juiz de instrução:

- Naturalmente disse a mulher - pensei primeiro nele quando lhe ofereci ajuda. Eu não sabia que ele era apenas um funcionário subalterno, mas já que o senhor o diz, provavelmente é verdade. Acredito no entanto que o relatório que ele manda para cima sempre tem alguma influência. E ele escreve tantos relatórios! O senhor diz que os funcionários são preguiçosos, com certeza nem todos, em especial esse juiz de instrução, ele escreve muito. No último domingo, por exemplo, a audiência durou até o anoitecer. Todas as pessoas foram embora, mas o juiz de instrução ficou na sala, tive de levar-lhe um lampião, eu só tinha um pequeno lampião de cozinha, mas ele ficou satisfeito e logo começou a escrever. Nesse ínterim chegou também o meu marido, que tem folga todos os domingos, pegamos os móveis, instalamos de novo a nossa sala, depois ainda chegaram vizinhos, ficamos conversando à luz de uma vela, enfim, esquecemos o juiz de instrução e fomos dormir. De repente, no meio da noite, já devia ser noite alta, eu acordo, ao lado da cama está o juiz de instrução, que cobre o lampião com a mão de modo que não incida luz

sobre o meu marido; era uma precaução desnecessária, meu marido tem um sono que nem a luz o teria despertado. Estava tão assustada que teria quase gritado, mas o juiz de instrução foi muito amável, me recomendou que tivesse cuidado, sussurrou-me que tinha escrito até aquela hora, que estava me trazendo de volta o lampião e que nunca se esqueceria da visão que teve ao me encontrar dormindo. Com tudo isso eu queria apenas dizer que o juiz de instrução escreve efetivamente muitos relatórios, principalmente sobre o senhor, pois o seu inquérito foi na certa um dos principais objetos da audiência de domingo. Mas relatórios extensos como esses não podem ser completamente desimportantes. Além disso, o senhor pode concluir do ocorrido que o juiz de instrução me faz a corte, e que estou neste momento exatamente na primeira fase de uma grande influência sobre ele⁸

Kafka se utiliza desse diálogo com a mulher para descrever a atuação do juiz de instrução e sua função no processo; é salientado que ele trabalha muito e que elabora os relatórios para a instância superior. A resposta da mulher dá conta que K. estava enganado quanto a importância do juiz de instrução, mesmo que a resposta dela seja que K, provavelmente estivesse certo e que o juiz era apenas um funcionário subalterno, fica claro que aqueles tantos e inúmeros relatórios tinham algum papel e influência no processo.

Kafka e todos que atuam na Justiça sabem da importância de qualquer decisão judicial no deslinde dos processos. É uma permanente tração por um conjunto de forças. A ideia hierarquizada de K., de que o juiz de instrução, com as limitações de sua atuação ou as instâncias inferiores, não teriam importância, valendo somente as decisões finais, era equivocada. A fala da mulher também confirma que o juiz de instrução está interessado sexualmente nela e, que ela utiliza isso como uma moeda de troca.

⁸ KAFKA, Franz. **O Processo**. São Paulo. Companhia das Letras, 2004, p. 70-72

O estudante adentra a sala e a mulher vai em sua direção. Sozinho K. elabora pensamentos de vingança em relação ao juiz de instrução, se tomasse aquela mulher para si.

Do ríspido diálogo que trava com K., o importante é a afirmação do estudante de que “Não deveriam tê-lo deixado circular com tanta liberdade”⁹, que avisara ao juiz de instrução desse erro e que deveriam tê-lo deixado aguardando em seu quarto, entre os interrogatórios (*Verhören*), o que dá a impressão de que sabiam quem era K.

Estabelecida uma disputa sobre quem ficaria com a mulher, o estudante ganhou; a mulher afirmou que deveria acompanhar o estudante, pois ele estava cumprindo ordem do juiz de instrução, em caso de recusa, ela estaria arruinada.

A personagem entende ter sido derrotada porque estava no território inimigo, que em seu ambiente era superior a todos eles.

K. se surpreende ao descobrir que os cartórios se localizavam no sótão do prédio e desdenha as instalações. Ele imaginava que todos os funcionários eram corruptos e por isso desviavam o dinheiro do tribunal, não sobrando nada para pudesse ser empregado em instalações dignas. Compara a sala de audiências com sua sala no banco, esta grande, bem localizada e de alto padrão, reafirmando a sua posição de superioridade.

Essa descrição retrata o usual, principalmente quando a comparação se dá com o capital, como faz Kafka através da comparação da justiça com o poderio econômico de outros segmentos da sociedade. Não

⁹ KAFKA, Franz. **O Processo**. São Paulo. Companhia das Letras, 2004, p. 75

importa quão alto sejam os valores envolvidos na causa, elas serão julgadas pelos mesmos magistrados, os quais, como funcionários, recebem vencimentos fixos, sem que haja parâmetros para a comparação. Se a corrupção, em qualquer tempo e lugar, estiver ligada à questão econômica ou à formação moral de cada indivíduo, isto deve ser passível dos estudos pertinentes. De qualquer sorte, o juiz está inserido em um contexto social e isso não pode ser desconsiderado.

Kafka assinala a liberdade da personagem cujo padrão de vida era proveniente de seu trabalho, não invejando aqueles que recorriam a uma renda suplementar, oriunda de subornos.

Chega o oficial de justiça, chamado de *Gerichtsdienner* (serventuário), marido da lavadeira, e começa a relatar que o seu sonho era aplicar no estudante uma vingança violenta, que remonta às rodas da inquisição. Afirma que tal abuso é cometido pelo estudante em todo o prédio, já tendo sido expulso de cinco apartamentos, mas que ele, pela profissão, não podia se defender. Ademais, agora o juiz de instrução também praticava o mesmo abuso.

O oficial de justiça pede ajuda e entende que K. tinha poder para enfrentar o estudante exatamente porque era um acusado. K externou que a sua intervenção nessa questão lhe poderia ser prejudicial, senão no desfecho do processo, ao menos no inquérito, na instrução preparatória (*Voruntersuchung*¹⁰), traduzida por Modesto Carone como sumário de culpa¹¹, com o que concordou o oficial, mas complementou que “não se movem processos à toa”¹² (*“Es werden aber bei[u]i uns in der Regel keine*

¹⁰ *Ibidem.*, p.46

¹¹ KAFKA, Franz. **O Processo**. São Paulo. Companhia das Letras, 2004, p. 80

¹² *ibidem*

aussichtslosen Prozesse geführt."¹³). *Aussichtslosigkeit* significa inutilidade. Mais adiante o oficial afirma: As pessoas sempre se rebelam ("*Man rebelliert eben immer*"¹⁴).

Eles sobem nas escadas para os cartórios. Em seguida, há a descrição dos cartórios e dos acusados que ali estavam, dando conta que os processos eram demorados, tendo os acusados que esperar muito pela análise das provas apresentadas. A percepção de que os acusados pareciam pertencer à classes superiores, apesar de mal vestidos, demonstra o efeito dos processos no patrimônio a longo prazo.

Diante da indagação de K., sobre a razão de estar ali, formulada para um dos acusados que tinha cabelos quase grisalhos, a resposta foi: estou esperando. Essa uma clara alusão ao camponês de diante da lei, aqui multiplicado por todos os acusados que estavam naquele inóspito corredor, à porta dos cartórios esperando pela aplicação da lei. O mesmo acusado complementa que apresentara, há um mês provas e aguardava o resultado.

Após um mal-estar de K., em razão do ar abafado dos cartórios, é socorrido por dois funcionários, a servidora relata os problemas da seção, com relação às acomodações, aludindo ao baixo salário e, que eles não eram pessoas más. A imagem transmitida é de que o ar dentro do ambiente dos cartórios é pesado, não só por questões atmosféricas, mas em razão dos inúmeros processos que envolvem a vida das pessoas, o que por si só faz com que todos se sintam mal. Desse mal os funcionários não sofrem, eis que habituados, numa imagem de insensibilidade e frieza. O ar pesado dos cartórios está em franca oposição ao ar puro da rua, ar da liberdade. É

¹³ KAFKA, Franz. *Der Process. (Historisch-Kritische Ausgabe sämtlicher Handschriften, Drucke und Typoskripte) Faksimilenachdruck*. Frankfurt am Main: Stroemfeld Verlag, 1997. *Im leeren Sitzungssaal*, p.46.

¹⁴ *Ibidem.*, p.49.

descrito em detalhes que os funcionários, de maneira geral, são vítimas do sistema, portanto não são corruptos e não integram a organização que K. quer combater. A imagem transmitida é de que os funcionários também são prisioneiros de um sistema, no qual não são valorizados nem tem pagamentos dignos pelo seu trabalho.

Transmite, ainda, a ideia de que ser submetido aos processos corrói o indivíduo, tomando-lhe as forças, o tempo e vida; até mesmo porque passar tanto tempo da existência vinculado a longos e demorados processos, imerso em total insegurança, suga as energias.